



PERDOA-ME POR TE TRAIR: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A INFIDELIDADE FEMININA

*Olivia von der Weid**

Cite este artigo: WEID, Olívia Von Der. Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.49-59, 30 mar. 2004. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 30 mar. 2004.

Resumo: Neste trabalho pretendi analisar o discurso feminino sobre a infidelidade e as representações de gênero nele contidas. Busquei compreender a forma como as mulheres lidam com a traição de acordo com suas respectivas faixas etárias e ainda verificar as diferenças e semelhanças nos discursos de mulheres solteiras, casadas, divorciadas e viúvas. Quais os motivos que as mulheres apresentam para a infidelidade? De que forma elas encaram o fato de serem traídas? O que é ser infiel para o grupo pesquisado? Ao buscar responder questões como essas, procurei entender o que mudou e o que permaneceu o mesmo nas representações de gênero e nos ideais de conjugalidade nas camadas médias urbanas do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Gênero, sexualidade, conjugalidade, infidelidade.

I

Quando me inseri na pesquisa “Mudanças nos papéis de gênero, sexualidade e conjugalidade nas camadas médias urbanas do Rio de Janeiro”, coordenada pela antropóloga Mirian Goldenberg, um dado me chamou a atenção: em um total de 166 mulheres pertencentes à camada média urbana carioca, 54,3% (90) haviam sido infiéis. Há alguns anos atrás seria inconcebível que uma mulher confessasse sua infidelidade em função da pressão social que sofreriam.

O objetivo deste trabalho é analisar o discurso feminino sobre a infidelidade e as representações de gênero nele contidas. Como as mulheres pesquisadas justificam sua infidelidade? O que elas pensam sobre relacionar-se com um homem casado? O que é ser infiel para essas mulheres? Ao buscar responder a estas e outras questões procuro compreender as mudanças e permanências nas representações de gênero e nos ideais de conjugalidade nas camadas médias do Rio de Janeiro. Com isso acredito poder contribuir para um melhor entendimento dos relacionamentos atuais. Utilizo o conceito de camadas médias urbanas da mesma forma que Velho (1981), procurando dar continuidade à linha de estudos de gênero e desvio neste segmento social, sob a coordenação de minha orientadora.

Para tanto, utilizo 166 questionários aplicados em mulheres de 18 a 50 anos, universitárias e com renda familiar acima de R\$ 2000. Procurei comparar as respostas destas mulheres de acordo com suas respectivas faixas etárias e estado civil (solteiras, casadas, divorciadas e viúvas). Os questionários foram aplicados no período de janeiro de 1998 a dezembro de 2000 pela professora Mirian Goldenberg, seus bolsistas de iniciação científica e alunos de graduação em ciências sociais do IFCS/UFRJ, em indivíduos de suas redes de relação, seguindo o perfil pré-definido pela coordenadora da pesquisa. São questionários anônimos, com 37 questões de respostas abertas.

Ao analisar as respostas encontradas para perguntas como: “Você já foi infiel alguma vez? Por quê?”, “Você já foi traída? O que fez?”, “Você teria uma relação afetivo-sexual com uma pessoa casada? Por quê?”, procuro averiguar as diferenças e semelhanças nos discursos sobre infidelidade de diferentes gerações.

II

Ao longo dos últimos 30 anos a posição da mulher na sociedade sofreu significativas transformações. A luta feminista por liberdade sexual e igualdade de direitos resultou em inúmeras mudanças, como a maior participação feminina no mercado de trabalho, as alterações no código civil, a exigência por uma maior participação dos homens nas relações familiares, a maior representatividade política da mulher. Todas estas conquistas acabaram por engendrar novos modelos de feminilidade e, conseqüentemente, de masculinidade.

A forma de relacionamento tradicional entre homens e mulheres; o matrimônio, onde o homem é quem trabalha e sustenta a família; o provedor e a mulher, a dona-de-casa que cuida dos filhos; sofreram fortes abalos. Atualmente, já é mais natural a opção por não se casar e, ao invés de procurarem apenas segurança e estabilidade financeira, os indivíduos também buscam a satisfação sexual no casamento. Com o controle pela cultura do processo natural de reprodução, especialmente através da pílula anticoncepcional, o sexo deixou de possuir função exclusivamente reprodutiva para ser associado ao prazer. Todas essas transformações não se dão de maneira imediata e também não aniquilam, de uma hora para outra, antigos valores. Apesar das mudanças, muitos estereótipos sobre os sexos continuam presentes. As pessoas lidam internamente com um modelo tradicional de família e de casamento, mesmo que estejam vivenciando formas vanguardistas de conjugalidade. Essa convivência não pressupõe a erradicação da forma tradicional e nem a integração das duas formas, mas a presença, no mesmo indivíduo, de “mapas” contraditórios (Figueira, 1985; Goldenberg, 2000).

Nos discursos das mulheres para justificar o ato de traição, percebe-se que as respostas ora apontam para valores tradicionais, ora nos revelam novos valores. Ao analisar a questão: “Você já foi infiel alguma vez? Por quê?”, verifica-se que abaixo de 30 anos a porcentagem de infidelidade feminina é maior do que a média, chegando a 60% (37) em mulheres com até 20 anos. De acordo com o aumento da idade, há uma diminuição deste número, e apenas 3 mulheres com 41 a 50 anos (20%) afirmam já terem sido infiéis.

A justificativa que mais aparece nos questionários é que a infidelidade ocorre em um momento de crise no relacionamento. Em tais respostas as mulheres parecem não se sentir agentes da infidelidade, colocando a responsabilidade por seu ato em outros fatores que não seus próprios desejos. Este aspecto fica mais claro na análise da questão: “Você já sentiu vontade de ser infiel? Por quê?”. Em uma resposta, a responsabilidade pela vontade de trair é atribuída a uma falta no relacionamento: “Acho que sim e isso acontece não por atração física pelo outro, mas por carência ou alguma indisposição no relacionamento pelo qual se está passando”. Na outra, o responsável pela infidelidade é um terceiro, que seduz, porém, enfatiza que a vontade não foi levada adiante: “Sim, talvez por insistência da outra pessoa e oportunidade (no entanto, só senti vontade)”.

Muitas mulheres apresentaram como justificativa para sua infidelidade o envolvimento afetivo com outra pessoa. Béjin (1987) acredita que a infidelidade feminina ameaçaria mais uma relação de coabitação do que a masculina devido à crença de que para a mulher seria mais difícil dissociar “corpo e espírito” e, portanto, só se relacionaria por amor. Segundo o autor, haveria então uma divisão, uma dupla moral, em relação aos tipos de comportamento de homens e mulheres, já que a infidelidade física (dos homens) é considerada menos grave por não envolver sentimentos.

O segundo motivo que mais aparece para justificar a infidelidade é a atração física por outra pessoa. Em tais respostas vê-se que as mulheres também traem e atribuem seu ato à pura satisfação, como em “atração física forte” e “estava muito atraída e não resisti”. Acredito que a presença destes discursos que relacionam traição aos desejos sexuais pode revelar uma nova perspectiva, que não necessariamente associa a infidelidade feminina à questão amorosa. Será que as mulheres realmente só traem quando se envolvem de “corpo e espírito”?

Nas justificativas de mulheres que nunca foram infiéis, muitas mulheres respondem que nunca houve oportunidade ou vontade para tanto, mas não colocam ser impossível a ocorrência de tal situação futuramente. Já outras afirmam que “quem ama não trai”, e que a fidelidade é uma questão de princípios e educação feminina. Estas posições, se analisadas comparativamente, podem revelar a oposição de valores modernos e tradicionais. O primeiro grupo, apesar de nunca ter sido infiel, não encara a infidelidade feminina como algo errado e não descarta a possibilidade de vir a ser infiel algum dia. Já o segundo apresenta uma posição mais conservadora a partir do momento em que coloca que faz parte da educação de uma mulher ser fiel ao seu parceiro.

A comparação das respostas dadas às perguntas: “Você já foi infiel alguma vez? Por quê?” e às perguntas: “Você já sentiu vontade de ser infiel alguma vez? Por quê?” permitiu verificar que a maioria das mulheres pesquisadas acima de 30 anos sente vontade de ser infiel, mas nem sempre realiza seus desejos. Na faixa de 31 a 40 anos, 45% (9) já foi infiel e 70% (14) já sentiu vontade e na faixa de 41 a 50 anos, 20% (3) já foi infiel, mas 57,2% (8) diz ter sentido vontade. Nesta faixa etária percebe-se a presença da insatisfação sexual como justificativa para a infidelidade ou vontade de ser infiel. De acordo com Bassanezi (1997), até há pouco tempo o interesse de um casal ao estabelecer o matrimônio era econômico e de status e, por isso, a infi-

delidade, apenas masculina, era tolerada como forma de satisfazer os desejos sexuais. Hoje em dia, um dos pré-requisitos dos relacionamentos modernos passou a ser a harmonia sexual e a busca pelo prazer. Quando não se tem a satisfação deste quesito, coloca-se a possibilidade da traição. É o que parece ocorrer com essas mulheres.

Para melhor pensar o discurso feminino, acredito ser importante compreender o que as mulheres pesquisadas definem como infidelidade. A definição que aparece com maior frequência nas respostas à pergunta "para você o que é ser infiel?" é desrespeitar, mentir ou trair a confiança do parceiro, com 40,4% (67) das respostas. Uma segunda concepção, presente em 24,1% (40) dos questionários, aponta a infidelidade como traição física ao parceiro, relação sexual com outra pessoa.

Na faixa das mulheres com mais de 30 anos, uma concepção de que ser infiel seria estar insatisfeito na relação, trair seus próprios sentimentos, aparece em segundo lugar (27,5% ou 10 em 34), juntamente com a definição da infidelidade como traição física/sexual. Entre as mulheres mais jovens (abaixo de 30 anos) este tipo de resposta aparece com pouca frequência (em torno de 7% ou 9 em 129). A resposta que menos apareceu foi a que aponta a infidelidade como rompimento dos princípios pré-estabelecidos da relação, podendo, em alguns casos, englobar traição física. Sua incidência foi maior entre as mulheres mais jovens.

Uma diferença entre a forma com que mulheres solteiras e mulheres casadas entendem a infidelidade pode ser observada. Enquanto a maioria das solteiras (40,7% ou 50 em 123) coloca que infidelidade é mentir, trair a confiança do outro, a maior parte das casadas (37,6% ou 12 de 33) diz que ser infiel é trair sexualmente o parceiro.

A partir do ideal de igualdade e reciprocidade presente nas relações modernas, podemos pensar a forte incidência da definição de infidelidade como desrespeito ao outro. A traição é a mentira, o rompimento da confiança e não está necessariamente ligada à relação sexual com outra pessoa. Badinter (1986) afirma que o amor ideal é entendido como um diálogo permanente entre os dois indivíduos, baseado no respeito e na igualdade dos parceiros amorosos. Segundo a autora, a quebra desta reciprocidade é vivenciada como falta de consideração, injustiça ou indiferença. Parece ser desta forma que grande parte das mulheres pesquisadas enxergam o que é ser infiel: uma quebra da igualdade e reciprocidade entre as duas pessoas envolvidas em um relacionamento, a partir do momento em que uma delas mente ou desrespeita a outra.

A fim de compreender como o grupo pesquisado se colocava diante da situação contrária, a traição do parceiro, analisei a questão: "Você já foi traído(a)? O que fez?". 45,2% (75) afirmaram que já foram traídas, 32% (53) disseram que não e 21% (35) não sabem.

Observando as respostas de acordo com as respectivas idades das mulheres, percebe-se que o grupo de 31 a 40 anos novamente mostrou-se diferente: enquanto nos outros a taxa de mulheres que já foram traídas gira em torno de 40%, neste grupo é de 65% (13 em 20). A porcentagem de mulheres solteiras traídas, 47,1% (58 em 123), é maior do que a das casadas, 39,4% (13 em 33). Porém, as casadas, proporcionalmente, têm mais dúvidas em relação à fidelidade do

parceiro (33,3%, 11 de 33) do que as solteiras (17,8%, 22 de 123). Cabe salientar que das 75 mulheres que afirmaram já terem sido traídas, 50 já foram infiéis (66,6%).

A iniciativa tomada pelo maior número de mulheres ao tomar conhecimento da infidelidade do parceiro foi terminar a relação. Logo a seguir vem a atitude de conversar, perdoar para tentar continuar o relacionamento. Uma terceira maneira de reagir encontrada nas respostas é não fazer nada, algumas vezes porque só se soube da traição após o fim do relacionamento. Finalmente vem a atitude da vingança, de também trair o parceiro.

As mulheres mais jovens (com até 30 anos) reagem de forma diferente das mais velhas (de 31 a 50 anos). As mais jovens parecem ser mais intolerantes em relação à infidelidade do companheiro, pois entre elas há maior incidência da atitude de terminar a relação ou também trair o parceiro. Há também neste grupo aquelas que buscam conversar para resolver a situação, levando o assunto com aparente tranquilidade.

Entre as mulheres mais velhas percebe-se uma tendência a desculpar a traição, contorná-la através do perdão ao parceiro ou simplesmente não manifestando nenhuma reação. Em algumas respostas, principalmente nas de mulheres casadas, percebe-se uma certa naturalização da infidelidade masculina, como se elas considerassem normal o fato de terem sido traídas. Há duas respostas que exemplificam melhor esta naturalização, uma delas, inclusive, parece tomar para si a responsabilidade pelo fato do parceiro ter sido infiel: “É claro. Nada fiz, ignorei” e “Sim. Tentei ver o que o levou a isso e o que poderia fazer para reconquistá-lo, continuar o casamento”.

Quando se observa as respostas negativas pode-se verificar a insegurança feminina diante da fidelidade do homem. Através de expressões como “que eu saiba, não”, “acho que não” e “acredito que não” em suas respostas pode-se constatar melhor a presença da dúvida. Das 54 respostas negativas, 25 (46,3%) continham expressões deste gênero. Para melhor elucidar estes dados proponho uma nova abordagem. Agrupando-se o número de mulheres que já foram traídas, o número de mulheres que disseram não saber e o número que negou, mas mostrou insegurança em sua negação, tem-se uma porcentagem de 81,2% de mulheres que já foram traídas ou tem dúvidas quanto a isso (135 de 166).

Mesmo que nunca tenham tomado consciência da traição do parceiro, as mulheres pesquisadas demonstraram-se inseguras, como ficou claro em suas respostas. Podemos pensar esta desconfiança em relação à fidelidade do homem como um resquício de um código moral assimétrico, fortemente presente na sociedade brasileira até a década de 70. Segundo Nicolaci-da-Costa (1985), a poligamia masculina no namoro ou casamento era legítima, enquanto o mesmo comportamento, para a mulher, era reprovável. Aragão (1983) acrescenta que a ideologia que associa a categoria esposa-mãe ao feminino, a mesma ideologia patriarcal que relaciona o público ao homem e o privado à mulher, encontra-se introjetada nas próprias mulheres, que acabam reproduzindo e atuando como co-autoras desta representação.

Através de outras questões, como: “Você já teve alguma relação afetivo-sexual com uma pessoa casada? Quanto tempo? Por quê?”, foi possível analisar as percepções femininas acerca

da situação de amante de um homem casado. 74,1% das mulheres (123) nunca tiveram relacionamento com uma pessoa casada e 21,1% (35) já tiveram. O restante (4,8% ou 8 de 166) não respondeu à pergunta. Das 35 mulheres que foram amantes, 17 (48,6%) disseram que o relacionamento durou menos de um ano, sendo que 5 (29%) não sabiam que o parceiro era casado, 13 (37%) disseram ter durado de 1 a 6 anos e 5 (14,3%) não definiram o tempo de duração. As mulheres cujas relações foram mais longas (1 a 6 anos) disseram que o motivo de terem levado adiante seus relacionamentos foi o sentimento, amor ou paixão, que tinham pelo parceiro. Já as mulheres que se relacionaram por menos tempo dizem ter cedido ao desejo ou atração pela pessoa.

Um ponto relevante observado na análise desta pergunta foi o fato de 9 das 13 mulheres (69,2%) que se relacionaram por mais tempo com homens casados terem mais de 30 anos. Na faixa de 31 a 40 anos a porcentagem de mulheres que já se relacionaram com homens casados é de 60% (12), o triplo da porcentagem encontrada nas outras faixas etárias (em torno de 20%). Tais dados podem sugerir que nesta idade as mulheres encontram maiores dificuldades para terem um parceiro.

Berquó (1989) destaca que há um superávit de mulheres na sociedade brasileira gerado pelo fato dos homens morrerem mais cedo. Acrescenta ainda a preferência masculina em casar com mulheres da mesma idade ou mais jovens, o que diminuiria ainda mais as chances de casamento para mulheres mais velhas. Seus dados mostram que enquanto o número de homens não-casados diminui dos 30 para os 35 anos e após isso se mantém constante, o número de mulheres faz o movimento inverso: apresenta-se constante no início, mas já maior do que o dos homens, e aumenta a partir dos 35. Em outras palavras, no “mercado de casamentos” a oferta de mulheres com mais de 30 anos é muito grande.

É possível, como argumentou Goldenberg (1997), que estas mulheres, ao se verem sozinhas, em maior número do que os homens e ainda com a concorrência de mulheres mais jovens para os poucos homens não casados de suas idades, acabem aceitando mais facilmente um tipo de relacionamento condenado pela sociedade, tornando-se amantes de homens casados.

A pergunta: “Você teria uma relação com uma pessoa casada? Por quê?” auxiliou na compreensão das colocações femininas diante da possibilidade de serem amantes de um homem casado e de suas percepções sobre tal relacionamento. 30,1% (50) das respostas são afirmativas, sendo que a faixa de 31 a 40 anos mais uma vez mostrou-se diferente das outras: 60% das mulheres (12 das 20) se relacionariam com uma pessoa casada. Verifica-se nesta questão que, ao contrário do que se poderia imaginar, a porcentagem de solteiras que consideram a possibilidade de serem amantes (26,6%, 32 de 123) foi menor do que a de casadas (45,4%, 15 de 33). Talvez porque, para se pensar relacionamentos deste tipo, a idade da mulher seja um fator mais relevante do que seu estado civil.

As mulheres que negam a possibilidade de uma relação com um homem casado colocam que não concordam com relacionamentos deste tipo, seus princípios não as permitiriam serem "Outras", ou que não gostariam de estar na situação da esposa traída. Para elas uma relação

como essa traz complicações e não tem futuro. Tais respostas parecem refletir o imaginário social que se tem deste tipo de relação e da posição de amante. Goldenberg (1997) nos revela que a Outra possui um estigma que é social, pois transgride os padrões culturais brasileiros, onde o papel feminino de esposa-mãe é o mais valorizado socialmente. Segundo a autora, só se pode compreender a identidade da Outra a partir de conceitos como desvio, acusação e estigma.

Entre as mulheres que consideram a possibilidade desta relação ocorrer em suas vidas percebeu-se três diferentes formas de se colocarem diante da pergunta. A maior parte só admite que a relação aconteceria em último caso, dependendo do momento e dos sentimentos envolvidos, o que parece refletir o medo do estigma social. Logo a seguir vêm as mulheres que seriam amantes somente se estivessem apaixonadas ou amassem o homem casado. Finalmente, em menor número, aparecem respostas que trazem a posição de que o casamento não seria empecilho nenhum para a relação acontecer.

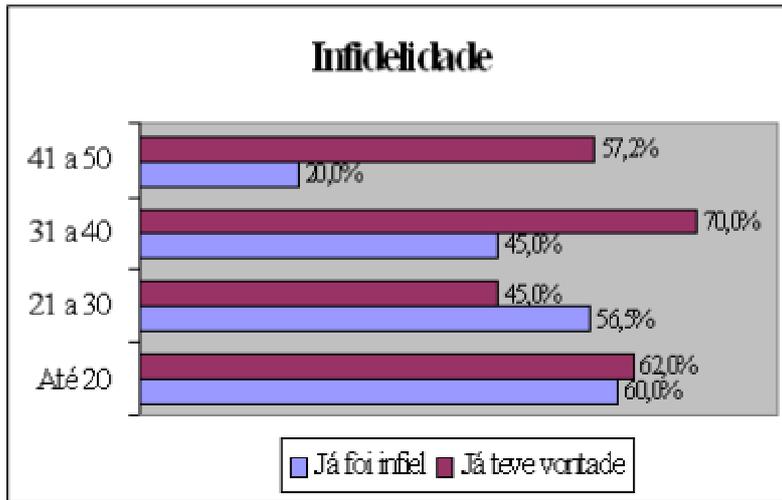
Considerações finais

Nos discursos destas mulheres, tanto as que já foram infiéis quanto as que nunca foram, estão presentes valores que podem indicar permanências e mudanças sociais em relação à infidelidade feminina. O fato de mulheres não se sentirem agentes da infidelidade e afirmarem que ser fiel é algo que faz parte do caráter feminino reflete a dupla moral vigente na sociedade brasileira, caracterizada pelo controle masculino sobre a sexualidade da mulher, a ponto da infidelidade feminina ser, muitas vezes, percebida como responsabilidade do homem, como bem sintetizou Nelson Rodrigues na célebre frase “perdoa-me por me traíres”. Ao mesmo tempo, respostas que justificam a infidelidade pela satisfação dos desejos sexuais, atração física, entre outras, podem ser indícios da presença de novos valores e novas formas de relacionar-se na sociedade atual. Com o crescente individualismo e a presença de modelos de relacionamentos baseados no respeito e no diálogo, onde homens e mulheres compartilham suas vidas como iguais, a dupla moral parece estar perdendo sua força, permitindo às mulheres se colocarem como agentes da traição e, parafraseando a construção rodriguiana, dizerem, ao serem infiéis, “perdoa-me por te trair”. 🌀

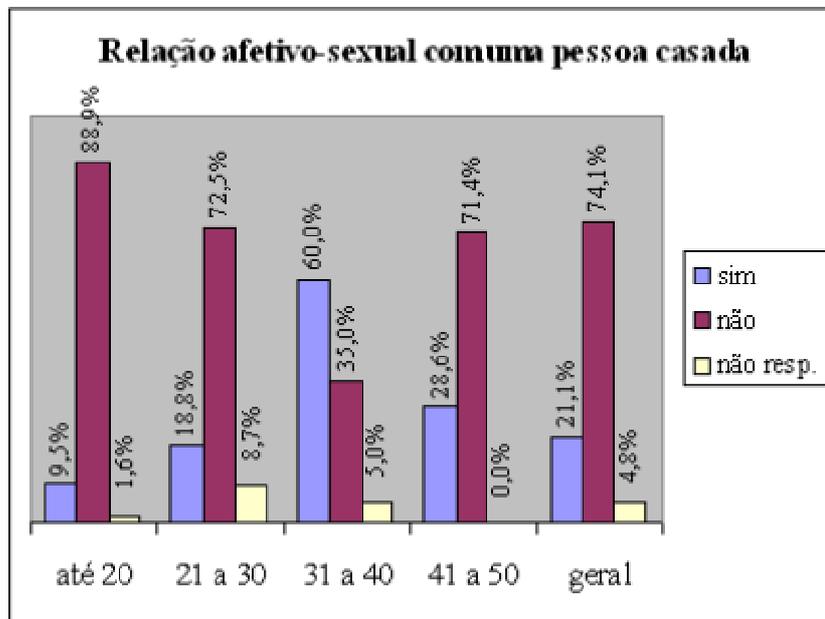
Anexo: tabelas

Questões:

- Você já foi infiel?
- Você já teve vontade de ser infiel?



- Você já teve uma relação afetivo/sexual com uma pessoa casada?



NOTAS

* Graduanda do 8º período de Ciências Sociais. Bolsista CNPq/PIBIC (orientadora: Prof^a. Dr^a Mirian Goldenberg). Área de pesquisa: Antropologia Urbana/Gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, L. T. de. **Perspectivas antropológicas da mulher (3)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BADINTER, E. **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: Del Priori, M. (org.), **História das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 1997, pp 607-639.

BÉJIN, A. O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In: ARIÉS, P. e BÉJIN A. (orgs.), **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp 183-193.

BERQUÓ, E. **A família no século XXI**. Ciência hoje. SBPC, São Paulo: vol. 10, nº58, 1989, pp 58-58.

FIGUEIRA, S. **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOLDENBERG, M. **A outra**: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. De amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. In: GOLDENBERG, M. (org.), **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp 107-123.

.NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: FIGUEIRA, S. (org.), **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Braziliense, 1985, pp 147-168.